

AS MARCAS SÓCIO-HISTÓRICAS DE GÊNERO NOS DICIONÁRIOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS VERBETES ‘PATRÃO’ E ‘PATROA’ NO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA E NO DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA.

Gabriel Moura Feitosa*

Resumo: Neste artigo são analisadas as definições dos verbetes “patrão” e “patroa” (em espanhol, “patrón” e “patrona”) no *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010) e no *Diccionario de la lengua española* (2014), com o intuito de compreender os usos e as implicações desses verbetes (masculino e feminino) em situações hierárquicas de poder. O presente trabalho tem como aporte teórico a abordagem sociológica de Bourdieu (2019), bem como estudos recentes desenvolvidos pela Lexicologia e Lexicografia: Krieger (1995), Biderman (2003) e Haensch (1997). Desse modo, propõe-se uma análise crítica sobre as acepções dos verbetes em questão por meio de diferentes óticas. Conseqüentemente, os resultados da pesquisa apontam que as definições encontradas nos dicionários têm marcas sócio-históricas e ideológicas que refletem como uma comunidade linguística estabelece seu pensamento crítico e como está organizada nas esferas social e política.

Palavras-chave: Dicionário. Lexicografia. Lexicologia. Discurso sexista. Gênero.

Abstract: This article analyzes the definitions of the "patrão" and "patroa" entries in the *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010) and in the *Diccionario de la lengua española* (2014), in order to understand the uses and implications of these entries (masculine and feminine) in hierarchical situations of power. The present work has as theoretical basis Bourdieu's sociological approach (2019), as well as recent studies developed by Lexicology and Lexicography: Krieger (1995), Biderman (2003) and Haensch (1997). In this way, this paper proposes a critical analysis of the meanings of the entries under discussion through different perspectives. Consequently, the results of the research point out that the definitions found in the dictionaries have socio-historical and ideological marks that reflect how a linguistic community establishes its critical thinking and how it is organized in the social and political sphere.

Keywords: Dictionary. Lexicography. Lexicology. Sexist speech. Gender.

Considerações iniciais

Historicamente, os papéis sociais atribuídos às mulheres sempre foram moldados de uma forma muito diferente daquela na qual a figura masculina se baseou. Na contemporaneidade, temos testemunhado a ruptura com muitos desses paradigmas convencionais estabelecidos, os quais determinavam os parâmetros da vivência feminina (BOURDIEU, 2019). O rompimento com esses costumes de diferenciação de gênero tem contribuído com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Porém, percebemos, ainda hoje, em diversos espaços da sociedade, que a figura feminina continua subjugada em relação ao homem.

Até pouco tempo atrás, o papel da mulher, em muitos lugares do mundo, era o da esposa destinada a cuidar de sua família e da casa. As funções da mulher eram limitadas unicamente ao âmbito privado. Ela não tinha qualquer relevância para o espaço público. Por

* Graduado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação pela Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, Brasil. E-mail: gaabrielmf@gmail.com.

conta dessas imposições culturais, políticas e sociais, a figura feminina foi reduzida a essas possibilidades restritas. A história demonstra que durante muitos séculos se buscou limitar e reprimir as ideias, as ideologias, a importância e os espaços de atuação das mulheres (BOURDIEU, 2019).

Foi após a Segunda Guerra Mundial que essas questões passaram por algumas transformações significativas, quando a desigualdade de gênero passou a ser questionada. Apesar de muita opressão, pouco a pouco, as mulheres começaram a conquistar seus direitos. Na atualidade, assistimos cada vez mais às mulheres participando ativamente de espaços que eram habitualmente ocupados por homens. No Brasil, apesar de as pesquisas acadêmicas e os indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE – mostrarem que socialmente ainda vivenciamos problemas em relação a essa temática, já percebemos certas conquistas.

Este trabalho surge da necessidade de pontuar eventuais construções discursivas presentes em acepções encontradas em dicionários que, possivelmente, contribuem para a reprodução e legitimação da desigualdade de gênero. Dessa forma, este artigo está inserido nas ciências responsáveis pelo campo lexical de uma língua, a Lexicologia e a Lexicografia. É analisado como os verbetes podem representar a figura feminina em situação de poder. A reflexão é necessária para buscarmos entender como as práticas sociais podem interferir nas acepções de um verbeito encontradas em um dicionário, visto que as definições às quais temos acesso nos dicionários não são neutras.

Posto que o tratamento da figura masculina e feminina, e suas respectivas representações linguísticas, variam de acordo com sua sociedade e sua língua, é analisado, aqui, a última versão do ‘Dicionário Aurélio da língua portuguesa’ (2010), da editora Positivo, e a versão *online* do ‘Diccionario de la lengua española’ (2014), administrado pela ‘Real Academia Española’. Esses dicionários foram escolhidos porque são referenciais acadêmicos e linguísticos nas respectivas línguas. Assim, é apresentado um estudo comparativo que busca entender como a imagem da mulher é retratada a partir de dois verbetes específicos. Portanto, são analisadas as palavras ‘patrão’ e ‘patroa’, e suas respectivas acepções em português e em espanhol.

Em suma, o artigo busca investigar as duas obras lexicográficas a partir dos dois verbetes, com o intuito de realizar uma reflexão sobre a elaboração dessas obras, no que diz respeito ao tratamento dos diferentes gêneros. Trazer os progressos sociais conquistados nas últimas décadas e os textos teóricos para a discussão é essencial para a comparação dos

conteúdos encontrados. Nesse sentido, o trabalho visa despertar um olhar crítico em relação aos dicionários, em particular, aos dois analisados.

A pertinência da Lexicografia

A estrutura lexical de uma língua é concebida por um conjunto de palavras e expressões que são empregadas de formas diferentes no cotidiano do falante dessa língua. Nesse sentido, cada emprego é específico e caracteriza o idioma e as pessoas que o falam. Assim, o léxico é um dos elementos edificadores de uma cultura, responsável por representar a forma de falar e de se expressar de um povo. Ao acessar uma língua, descobrimos a cultura e os costumes de seus falantes. É nesse sentido que a palavra e seus significados refletem a maneira como os seres humanos se manifestam e se organizam nos diversos âmbitos das vidas privada e pública. A linguagem é um veículo fundamental para a percepção dos pensamentos humanos (MARTÍN, 2019). Assim, María Martín afirma que “a linguagem, isso não se coloca em dúvida, é um fator de identidade e um vínculo de símbolos que nos unem e se fundem com a comunidade que os compartilha. É também uma instituição social que nos liga ao passado e nos projeta para o futuro” (MARTÍN, 2019, p. 83, tradução minha¹).

É nessa direção que os estudos linguísticos se fazem necessários para compreender melhor a linguagem e as interações humanas. Reconhecemos também que "A linguagem, as palavras, são o veículo transmissor dos pensamentos" (MARTÍN, 2019, p. 22, tradução minha²). Admitido ainda que a língua está em constante mudança, os estudos da língua, do léxico, da Lexicologia e da Lexicografia se mostram necessários. O léxico é definido por Biderman como um

[...] conjunto aberto em qualquer sistema linguístico e, por conseguinte, não apenas vastíssimo quando comparado com outros setores e níveis da língua (fonológico, morfológico, sintático) mas também em permanente expansão sobretudo numa língua de civilização [...] (BIDERMAN, 1984, p. 17).

A Lexicologia, por sua vez, "estuda as lexias pertencentes às línguas nas diferentes visões, desde seu caráter fonético ao caráter regional presente em algumas palavras" (ANDRADE; CARVALHO; ZAMBRANO, 2017, p. 435). Entendido como um campo da ciência dos dicionários, a Lexicografia "aborda a descrição do léxico, mais precisamente o tratamento e a inserção dessas unidades em materiais lexicográficos: dicionários, glossários

¹ Do espanhol: "El lenguaje, eso no se pone en duda, es un factor de identidad y un vínculo de símbolos que nos unen y cohesionan con la comunidad que los comparte. Es también una institución social que nos enlaza con el pasado y nos proyecta hacia el futuro".

² Do espanhol: "El lenguaje, las palabras, son el vehículo transmisor de los pensamientos".

ou listas de palavras." (ANDRADE; CARVALHO; ZAMBRANO, 2017, p. 435). Dessa forma, por conta do desenvolvimento dessas ciências, encontramos hoje diferentes obras lexicográficas. No que tange aos dicionários, podemos dizer que cada um tem sua particularidade com objetivos e finalidades distintas. Isso ocorre mediante a constante necessidade de atender às diversas áreas do conhecimento: “ao contrário do que se costuma pensar, os dicionários não são neutros e tampouco são iguais. Existem muitas diferenças estruturais, princípios e de tratamento dos dados coletados que se refletem no conteúdo e organização das obras.” (KRIEGER, 2005, p. 103).

Os dicionários são obras lexicográficas muito importantes para um povo e sua língua. Os dicionários guardam consigo o "acervo lexical da cultura" (BIDERMAN, 2003, p. 62) e “[...] assumem funções de um discurso didático, desempenhando importante papel na história das línguas, sobretudo enquanto instrumentos reguladores da manutenção e da mudança dos universos lexicais.” (KRIEGER, 1995, p. 216).

Por isso, é importante realizar estudos e colaborar para o desenvolvimento dessa ciência, uma vez que é o papel dela manter as obras lexicográficas atualizadas, seja no que diz respeito à inserção de novas palavras e novos usos, seja por meio da ressignificação das acepções que entram em desuso ou já não são mais aceitas socialmente. O fato de não haver uma revisão periódica, tanto na versão impressa como na digital, pode fazer com que reverbere uma definição arcaica, excluindo os progressos sociais e políticos alcançados pelos falantes de uma língua.

Os dicionários conceituam o uso de um verbete em uma língua. No caso do português brasileiro, devido à grande expansão territorial do país, é perceptível diversas variações linguísticas e usos de uma palavra ou expressão. No espanhol isso também acontece, pois muitos dicionários recorrem aos léxicos utilizados na Espanha e em países hispânicos. Desse modo, o dicionário atua também como o responsável por revelar aspectos da cultura e da identidade de uma região ou comunidade linguística.

O dicionário é visto geralmente como um objeto de consulta, que apresenta os significados das palavras com a certeza do saber de um especialista e eventualmente com a legitimidade de autores reconhecidos que abonam as definições. Ele se mostra, desse modo, como uma obra de referência, à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber (NUNES, 2006, p. 11).

É nessa perspectiva que constatamos que os dicionários assumem uma função educativa e não convém que eles reproduzam exclusões e preconceitos.

As obras lexicográficas são consideradas guardiãs da língua. Acredita-se que nelas está a forma mais pura e mais concreta da utilização da linguagem verbal. Com base nessa crença, o que se expõe nesses materiais é visto como norma a ser seguida sem qualquer contestação (ANDRADE; CARVALHO; ZAMBRANO, 2017, p. 435).

Os dicionários geralmente são consultados como a fonte detentora do conhecimento, e neles espera-se encontrar todos os sentidos de uma determinada palavra. Essa resposta é tida como verdade absoluta, tão indiscutível que se torna uma verdade coletiva e não individual (KRIEGER, 1995).

Dicionário e sua verdade absoluta

Passemos agora para a discussão do conteúdo que se encontra nessas obras lexicográficas. As informações que encontramos nos dicionários, em especial os monolíngues³, não expressam apenas definições de palavras e informações sobre elas. Os dicionários também evidenciam valores culturais e sociais por meio de seus verbetes (ANDRADE; CARVALHO; ZAMBRANO, 2017).

O dicionário é um produto de caráter social que reflete determinadas visões sobre a língua e, logo, posições do sujeito enunciador, a despeito de sua aparência de neutralidade, a qual está vinculada à articulação de um paradigma formal histórica e universalmente estabelecido, e que praticamente acompanha a história da humanidade (KRIEGER, 2010, p. 137).

Observamos, então, que, apesar de normalmente os dicionários serem utilizados para fins didáticos, é possível identificar acepções cujas interpretações e usos podem ser excludentes, criando obstáculos para o entendimento e para uma educação, de fato, emancipatória. Essa desatualização, que ocorre nas versões digital e impressa, legitima usos não condizentes com a realidade de uma comunidade linguística mais inclusiva e democrática. Vale destacar que a atualização dos dicionários digitais acontece com mais frequência.

Como os usuários têm uma ampla confiabilidade nos dicionários e, geralmente, os consultam em busca de um saber linguístico, pouco se questiona sobre o seu conteúdo. Assim, "o lexicógrafo não apenas mantém sua posição de sujeito do saber, como costuma ser reconhecido como detentor potencial de um saber linguístico" (KRIEGER, 1995, p. 216). Com essa hierarquia já estabelecida e consolidada, percebemos que

³ Dicionário monolíngue é aquele que apresenta acepções referentes a uma única língua. Geralmente, na frente da palavra vai ter suas respectivas definições e usos. Por exemplo, o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* e o *Diccionario de la lengua española* são dicionários monolíngues.

Como os usuários consultam o dicionário em busca de um saber linguístico formal e conceptual, instaura-se uma relação comunicativa em que o lexicógrafo, enquanto instância dos valores em jogo, atua como Destinator manipulador (KRIEGER, 1995, p. 216).

É desse modo que o discurso lexicográfico vem sendo aceito há anos. A estrutura comunicativa é construída por meio de um agrupamento de elementos que possibilitam criar uma impressão de neutralidade, ou melhor, tudo que está escrito ali é tomado como correto, praticamente excluindo o fato de ser um trabalho desenvolvido por seres humanos que carregam consigo suas próprias ideologias.

Seguindo esse ponto de vista, é importante para este trabalho o diálogo com os estudos do pensador russo Mikhail Bakhtin, o qual explicita que "a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida" (BAKHTIN, 2006, p. 89), assim como deixa registrado que "todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda codificação da ideologia encadeia uma modificação da língua" (BAKHTIN, 2006, p. 8). Logo, de acordo com tal teórico, entendemos melhor que as acepções que estão expostas nos dicionários são passíveis de cargas ideológicas. Os usos de seus registros tampouco são neutros. Ao contrário do que pensamos, a pessoa responsável pelo trabalho lexicográfico, muitas vezes, reproduz não apenas informações que julga necessárias para definir um determinado verbete, mas, também, perpetua seus ideais que refletem o pensamento de um grupo ou de uma sociedade.

Para um determinado verbete compor um dicionário, primeiramente, ele precisa ser registrado no discurso dos falantes daquela língua. Assim, a sua equipe lexicográfica utiliza o recurso de registro de voz e da língua escrita, buscando identificar uma diversidade dos usos e sentidos contextualizados de uma determinada palavra (BIDERMAN, 1984). Dessa forma, há uma falsa impressão de que as definições são imparciais. "A rigor, a sintaxe contribui para provocar efeitos de apagamento do sujeito enunciador, o que reforça a imagem de neutralidade dos dicionários" (KRIEGER, 1995, p. 217). É dessa interpretação do coletivo que as obras lexicográficas alcançam um grande prestígio dentro de uma comunidade linguística.

Os e as especialistas que trabalham com a Lexicografia devem ficar atentos constantemente às mudanças dos usos. Cabe a essa ciência elaborar obras lexicográficas que se aproximam mais do uso prático da língua, atenta à reformulação de qualquer uso que já não esteja sendo utilizado no momento, deixando-o apenas registrado na história da língua nas edições passadas do dicionário, ou que tenha alguma etiqueta que evidencie esse fato. Com

isso exposto, os registros, hoje, predominantemente armazenados em ferramentas digitais, são importantes para tomar decisões sobre a inclusão ou modificação de determinado uso ou verbete para o conteúdo de um dicionário (BIDERMAN, 1984). Mas, também, qualquer decisão é de inteira responsabilidade da equipe que está participando do projeto lexicográfico. Assim, tudo que compõe um dicionário foi deliberado e elegido. Mercedes Mediavilla expõe que

Nos dicionários, se elabora um “corpus” próprio a partir de textos escritos ou orais, ou com base em outra seleção feita. A inclusão de alguns termos ou a exclusão ou esquecimento de outros, a seleção, já é significativa. As acepções nas quais as palavras são descritas e a ordem em que são apresentadas também são significativas (MEDIIVILLA, 1999, p. 31, tradução minha⁴).

Toda escolha é significativa e suscetível de ideologias, contrariando o pensamento do senso comum de imparcialidade, sobretudo, no que tange aos dicionários e à linguagem. As línguas são propriedades humanas que estão vivas, e os falantes são os responsáveis por influenciar as transformações dessa comunicação. A linguagem não é um objeto estático. Regras e padrões já estabelecidos podem ser reavaliados, reconstruídos e transformados de acordo com as novas demandas (MARTÍN, 2019). Tudo isso depende da comunidade linguística.

[...] a lexicografia tem durante muito tempo sido sujeita a uma série de influências extralingüísticas: correntes ideológicas, censura política e eclesiástica, orientações da filologia, cânones socioculturais de cada época como o puritanismo ou o purismo linguístico, e até mesmo aos gostos e modas, de modo que os dicionários nem sempre refletiram fielmente a realidade da língua (HAENSCH, 1997, p. 31, tradução minha⁵).

Assim sendo, atestamos que há muito tempo a Lexicografia tem trabalhado em conjunto com as classes dominantes que ditam as regras sociais. Como já visto, o falso efeito de neutralidade que o dicionário apresenta impede que seus usuários questionem ou percebam as marcas sócio-históricas e ideológicas nele inseridas. Desse modo, há uma preocupação acerca desse conteúdo expresso nas obras lexicográficas, basta olhar as recentes pesquisas

⁴ Do espanhol: *"En los diccionarios se elabora un "corpus" propio a partir de textos escritos u orales, o bien se toma como base la selección realizada en otros. La inclusión de unos términos o la exclusión o el olvido de otros, la selección, es ya significativa. Las acepciones con que se describen las palabras y el orden en que se presentan también son significativos"*.

⁵ Do espanhol: *"[...] la lexicografía ha estado mucho tiempo sometida a una serie de influencias extralingüísticas: corrientes ideológicas, censura política y eclesiástica, orientaciones de la filología, cânones socioculturales de cada época, como lo fueron el puritanismo o el purismo lingüístico, e incluso a gustos y modas, de modo que los diccionarios no han reflejado siempre fielmente la realidad de la lengua"*.

acadêmicas e sociais sobre o tema em questão e as crescentes demandas sociais em diferentes espaços da vida cotidiana.

Um dicionário é o resultado das condições em que foi desenvolvido e da ideologia e atitude daqueles que participaram de sua redação, carregam consigo uma certa visão de mundo e também contribuem para forjar a visão de mundo daqueles que o leem (MEDIÁVILLA, 1999, p. 31, tradução minha⁶).

Quando a figura feminina é colocada em questão, observamos uma disparidade no conteúdo das definições dos verbetes relacionados e direcionados ao público masculino. Em vista disso, compreendemos, então, "[...] que as informações contidas nos dicionários podem revelar preconceitos e ideologias que, muitas vezes, não são percebidos, mas que estão lá, carregados de significados [...]" (ANDRADE; CARVALHO; ZAMBRANO, 2017, p. 436).

Esse fato faz com que o dicionário contribua para a disseminação de uma comunicação machista e excludente. No *Dicionário Aurélio da língua portuguesa* (2010), por exemplo, há muitas palavras nas quais a gramática padrão da língua portuguesa permite a flexão de gênero, que se encontram separadas com entradas e significados diferentes. Vemos isso nas palavras ‘governador’ / ‘governadora’, ‘patrão’ / ‘patroa’, ‘presidente’ / ‘presidenta’, e em muitos outros verbetes.

Em um estudo, Maria da Graça Krieger (1995) buscou comparar as definições dos verbetes ‘homem’ e ‘mulher’ em 6 dicionários da língua portuguesa. Dentre eles, a segunda edição de 1986 do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Todas as obras lexicográficas foram publicadas no período de 1899 e 1992. Ela constatou que as acepções dispostas nas respectivas palavras explicitam uma relação de subalternidade da figura feminina em relação ao homem. O resultado da pesquisa, publicada em 1995, é perceptível ainda hoje dentro das definições dos dicionários. Os dados obtidos confirmam que

A definição da identidade das mulheres em relação ao que os homens fazem ou são tem sido constante ao longo da história. No entanto, as relações familiares, econômicas e sociais mudaram e a linguagem não deve contribuir para perpetuar concepções de dependência de mulheres já falsas na realidade (MEDIÁVILLA, 1999, p. 37, tradução minha⁷).

⁶ Do espanhol: "*Un diccionario es el resultado de las condiciones en que se ha elaborado y de la ideología y actitud de quienes han participado en su redacción lleva consigo una determinada visión del mundo y contribuye además a forjar la visión del mundo de quienes lo leen*".

⁷ Do espanhol: "*La definición de la identidad de las mujeres respecto a lo que hacen o son los hombres ha sido constante a lo largo de la historia. Sin embargo, las relaciones familiares, económicas y sociales han cambiado y no debe contribuirse con el lenguaje a perpetuar concepciones de dependencia de las mujeres ya falsas en la realidad*".

Dessa maneira, insistir em perpetuar essas definições sem uma revisão crítica continua colocando as mulheres em situações inferiores às dos homens, reforçando a desigualdade de gênero. Notamos, então, que a discrepância entre as definições dos verbetes pode ser bastante significativa quando se compara o conteúdo referido ao gênero masculino e feminino, o que pode influenciar o discurso popular. María Luisa Calero afirma que

Uma língua filtrada de elementos sexistas poderia, portanto, exercer alguma influência sobre nossa maneira de perceber o mundo. As línguas não se limitam a ser um espelho simples que nos devolve a realidade do nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem formar nossa percepção do mundo e até orientar nossa forma de atuar [...] (CALERO, 1999, p. 10, tradução minha⁸).

A escolha de manter ou acrescentar esse tipo de conteúdo nas obras lexicográficas ignora as mudanças sociais estabelecidas nas últimas décadas e reproduz a ideologia dominante. Portanto, com base no que já foi exposto, é importante salientar que, muitas vezes, as obras lexicográficas são usadas para fins didáticos, sobretudo o uso dos dicionários monolíngues durante a alfabetização. Por isso, devemos trabalhar para ter representadas diferentes realidades dentro do conteúdo, pois não deve haver nos dicionários espaço para disseminar conceitos desatualizados e preconceituosos, já que isso pode prejudicar o aprendizado de quem os utiliza, além de semear uma crença equivocada sobre determinado verbete. Quando se trata da figura feminina, o dicionário pode ser responsável pela propagação do machismo, da misoginia e da desigualdade de gênero.

Análise dos verbetes

A linguagem também pode legitimar o funcionamento do androcentrismo⁹. Uma vez que somos organizados social e fisicamente para nos enquadrarmos nessa estrutura social sexista e patriarcal.

[...] a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou de rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos) (BOURDIEU, 2019, p. 46).

⁸ Do espanhol: "*Una lengua depurada de elementos sexistas podría, pues, ejercer cierta influencia en nuestra forma de percibir el mundo. Las lenguas no se limitan a ser un simple espejo que nos devuelve la realidad de nuestro rostro: como cualquier otro modelo idealizado, como cualquier otra invención cultural, las lenguas pueden llevarnos a conformar nuestra percepción del mundo e incluso a que nuestra actuación se oriente de una determinada manera*".

⁹ Androcentrismo é um conceito criado pelo sociólogo americano Lester F. Ward no início do século XX. Diz respeito à supervalorização dos pensamentos e ideias masculinas, colocando, assim, o ser masculino como o único representante possível do coletivo.

Visto que a sociedade brasileira está em constante transformação política e social, as mulheres conquistaram mais espaços nos últimos anos. A linguagem e os verbetes nos dicionários precisam acompanhar essas conquistas sociais. Em 2016, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou uma pesquisa sobre os indicadores sociais das mulheres no Brasil. Alguns dados obtidos são interessantes para nossa análise. O estudo ‘Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil’¹⁰ constatou que, quando se fala da presença feminina em cargos gerenciais, temos 39,1% dos cargos gerenciais ocupados por mulheres, enquanto, entre homens, a porcentagem chega a 60,9%. Apesar de ainda percebermos uma grande desigualdade nos números, vemos uma participação ativa das mulheres nesses espaços.

Em contrapartida, quando se analisa o nível de escolaridade, com um recorte na população de 25 anos ou mais, e com ensino superior completo, é possível perceber que as mulheres cursaram mais anos de estudos em relação aos homens. Cerca de 23,5% das mulheres concluíram o ensino superior, em oposição a 20,7% dos homens. Na pesquisa, a etnia também foi adotada como critério de classificação. Notamos que, entre pessoas negras ou pardas, esses índices são menores. 10,4% das mulheres negras ou pardas concluíram o ensino superior, em objeção a 7% dos homens negros ou pardos.

Constata-se assim, apesar de ainda haver uma disparidade nos números, que a participação da presença feminina em cargos gerenciais é efetiva, e há uma disposição a ser cada vez maior. Em suma, precisamos adequar a nossa língua para que ela também englobe as mulheres que ocupam essas posições, pois há uma forte tendência em masculinizar cargos e funções de chefia, ignorando a participação feminina. Essa problemática de exclusão e de silenciamento pode ser observada também em relação a outros grupos e minorias, mas nos limitamos a abordar tais questões em relação à figura feminina. Um exemplo disso são as palavras “patroa”, “presidenta”, “governadora” e tantas outras que podem caracterizar uma mulher em situação de poder ou que exerça cargos antes ocupados exclusivamente por homens.

Em busca de construir uma reflexão mais ampla da representação das mulheres nos dicionários, sobretudo nas palavras que definem um posto gerencial, analisaremos os usos dos *verbetes* ‘patrão’ e ‘patroa’ no Dicionário Aurélio da língua portuguesa (2010) e seus correspondentes no Diccionario de la Lengua Española (2014), com o objetivo de identificar

¹⁰ Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

como se constrói esse espaço discursivo. Essas palavras foram escolhidas, pois consideramos que foram pouco exploradas em pesquisas acadêmicas e contribuem para a discussão.

Ao analisar o Dicionário Aurélio da língua portuguesa (2010), constatamos que os verbetes 'patrão' e 'patroa' possuem as respectivas definições:

Patrão S.m. 1) Chefe ou proprietário de estabelecimento, em relação aos empregados; 2) o chefe de um escritório ou de uma repartição; 3) o dono da casa em relação aos empregados domésticos; 4) senhor, chefe, cavalheiro. 5) aquele que comanda embarcação de pesca; 6) nos barcos de regata, aquele que dirige o leme e comanda o ritmo das remadas; 7) patrono, protetor; 8) tratamento de respeito dado por pessoas humildes a pessoas de condição social superior, ou, às vezes, tratamento simplesmente carinhoso ou afetuosamente irônico dado a pessoa de igual condição. 9) seringalista (FERREIRA, 2010, p. 1.580).

Patroa S.f. 1) Mulher do patrão; 2) dona de casa; 3) a dona de um estabelecimento comercial; 4) pop. esposa. 5) pop. Tratamento dado a uma senhora por pessoas de condição social inferior (FERREIRA, 2010, p. 1.581).

Ao comparar as duas definições, percebemos que para o verbete 'patrão' há maior número de acepções comparado ao verbete 'patroa'. A palavra no masculino tem nove acepções, enquanto no feminino dispõe de cinco. Logo, sem analisar o que está escrito, notamos que já há uma desigualdade com relação ao número de diferentes acepções para definir a mesma palavra. Quando se trata da figura masculina, a presença da ideia de poder é associada àquele que manda, chefe, proprietário. Em nenhuma definição é feita referência à figura paterna ou à situação conjugal do homem, e apenas na terceira acepção temos a seguinte definição: "o dono de casa em relação aos empregados domésticos, ou outros; amo, senhor" (FERREIRA, 2010, p. 1.580). Ou seja, há uma referência doméstica do termo que, por sua vez, mostra que o homem é considerado o dono da casa em relação aos empregados, quer dizer, o chefe dos funcionários.

Assim, seguindo essa perspectiva, quando a mulher é colocada na condição de patroa, observamos que a sua imagem está vinculada à figura masculina. As acepções do verbete "patroa" se referem à ideia de dona de casa, sempre em relação à sua família. Não há a mesma ideia presente no verbete no masculino. Na primeira acepção, encontra-se: "mulher do patrão". Ou seja, o dicionário limita a mulher à posição de esposa e não de uma gestora, como ocorre na primeira definição do verbete no masculino.

[...] os homens mais bem-intencionados (a violência simbólica, como se sabe, não opera na ordem das intenções conscientes) realizam atos discriminatórios, excluindo as mulheres, sem nem se colocar a questão, de posições de autoridade [...] contribuem para construir a situação diminuída das mulheres e cujos efeitos cumulativos estão registrados nas estatísticas da diminuta representação das mulheres nas posições de poder, sobretudo econômico e político [...] (BOURDIEU, 2019, p. 46).

Dessa forma, o verbete invisibiliza as mulheres que exercem a função de ‘patroa’ como proprietárias de estabelecimento em relação aos seus empregados. Observemos que, apenas na terceira acepção, a ‘patroa’ aparece como dona de um estabelecimento. Entretanto, apenas como proprietária de um estabelecimento; ela não gere, não comanda, apenas é a dona. Observamos que a definição atribui à mulher o papel de ‘dona’, mas não com o sentido de chefe. A ideia de chefe em relação aos empregados não é mantida quando se refere à mulher.

É fato que esses usos existem dentro da comunidade linguística brasileira, e em alguns casos de forma recorrente. Geralmente, o verbete é usado por homens dirigindo-se às suas esposas. Também, o verbete no seu uso popular, como colocado no dicionário, "pop. Tratamento dado a uma senhora por pessoas de condição social inferior" (FERREIRA, 2010, p. 1.581), é recorrente quando a mulher ocupa um *status* economicamente mais elevado. Nesse caso, muitas vezes, não é levado em consideração o cargo que ela ocupa profissionalmente. Na verdade, ela não necessariamente precisa ocupar ou exercer alguma função de prestígio. A mulher aqui é reconhecida e respeitada como ‘patroa’ pelo seu *status* econômico acima da maioria da população. Com isso, percebe-se que as mulheres também estão separadas por diferenças socioeconômicas e culturais, fato que evidencia diferentes formas de experienciar a dominação masculina (BOURDIEU, 2019), seja na linguagem, seja em seu cotidiano.

Como podemos notar, o verbete ‘patroa’ é representado a partir dos padrões vigentes na sociedade brasileira sobre as relações de gênero. Percebemos que a definição apresentada não se dá a partir do sucesso profissional de uma mulher, mas, sim, mediante papéis historicamente designados a ela. Sobretudo, o de ‘ser esposa’ de algum homem. A manutenção e a legitimação desses padrões reproduzem, assim, a forma como o sistema patriarcal coloca a vivência feminina, como figura exclusivamente heterossexual que se constrói em torno de uma família heteronormativa, que ocupa apenas tarefas domésticas e depende financeiramente da figura masculina. Fatores que evidenciam a exclusão das mulheres de ambientes profissionais, principalmente de grandes cargos.

Quanto à ordem, ao conteúdo e à disposição das acepções, verificamos alguns mecanismos sociais e políticos articulados para normatizar preconceitos aceitos pela coletividade, que também são refletidos nos usos e nas práticas individuais, pois, "conforme propõe o dicionário, ao invés da relação de coexistência de termos contrários de um mesmo eixo semântico, articula-se uma relação hierárquica de subordinação da espécie feminina à masculina" (KRIEGER, 1995, p. 220). Em síntese, quando analisados os dois verbetes dentro

do Dicionário Aurélio da língua portuguesa, constatamos que "os dois lexemas examinados não formam um par opositivo; revelando-se, por conseguinte, uma hierarquia, em que o gênero masculino é determinante e o feminino aparece ao modo de uma subcategoria do primeiro" (KRIEGER, 1995, p. 220).

Vemos que as mulheres são apagadas da posição hierárquica de 'patroa', conseqüentemente da relação de poder, elas por sua vez são aceitas por intermédio de um homem, seja ele marido, irmão, pai etc. É necessário que tenha um homem na figura de protagonista para lhe validar o poder (BOURDIEU, 2019). Ou seja, dificilmente estão colocadas como preparadas para assumir o protagonismo sozinhas, sem a intervenção de alguma figura masculina. E, de fato, foi possível perceber essa realidade nas definições descritas no verbete 'patroa' no Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Com isso exposto, passemos agora para a análise dos verbetes 'patrón' e 'patrona' na versão online do Dicionario de la lengua española (2014).

Na busca pelas palavras 'patrão' [*patrón*] e 'patroa' [*patrona*] na versão online do Dicionario de la lengua española (2014), constatamos que os verbetes não são separados e possuem as mesmas definições para o masculino e o feminino, que são, em sua tradução para o português

- 1) m. e f. Defensor, protetor.
- 2) m. e f. Santo titular de uma igreja.
- 3) m. e f. Santo escolhido como protetor de um povo ou congregação religiosa, profissional ou civil.
- 4) m. e f. Dono da casa onde alguém se aloja ou hospeda.
- 5) m. e f. Senhor (pessoa atendida por um servo).
- 6) m. e f. Empregador (pessoa que emprega trabalhadores).
- 7) m. e f. Pessoa que manda um pequeno navio mercante ou uma embarcação de recreio [...] (RAE, 2014, tradução minha¹¹).

Cumprе salientar que havia ainda outras quatro acepções¹² que nada acrescentariam na análise proposta por este trabalho, motivo pelo qual não as englobamos no estudo.

Um primeiro fato que notamos, quando comparadas as definições apresentadas no dicionário espanhol com aquelas obtidas no dicionário brasileiro, é a junção das definições das palavras. Elas não são separadas em sua estrutura e, muito menos têm definições diferentes para cada gênero, como observamos no Dicionário Aurélio da língua portuguesa

¹¹ Do espanhol: 1) m. y f. Defensor, protector. 2) m. y f. Santo titular de una iglesia. 3) m. y f. Santo elegido como protector de un pueblo o congregación religiosa, profesional o civil. 4) m. y f. Dueño de la casa donde alguien se aloja u hospeda. 5) m. y f. Señor (persona a la que sirve un criado). 6) m. y f. Patrono (persona que emplea trabajadores). [...] 7) m. y f. Persona que manda un pequeño buque mercante o una embarcación de recreo. Disponível em: <<https://dle.rae.es/?id=SBler1T>>. Acesso em 28 fev. 2021.

¹² Do espanhol: 8) m. Modelo que sirve de muestra para sacar otra cosa igual. 9) m. Metal que se toma como tipo para la evaluación de la moneda en un sistema monetario. 10) m. Planta en que se hace un injerto. 11) f. Galera inmediatamente inferior en dignidad a la capitana de una escuadra. Disponível em: <<https://dle.rae.es/?id=SBler1T>>. Acesso em 26 abr. 2021.

(2010). Até mesmo na edição anterior, publicada em 2001, 22ª edição do dicionário espanhol impresso, os verbetes já se encontravam com esse formato. Nas definições, encontramos para o verbete ‘patrão’ as ideias de defensor, protetor, gestor, assim como no dicionário brasileiro, só que com uma proposta diferente. Como as definições dos verbetes estão juntas em sua estrutura, há no começo de cada acepção a simbologia do gênero, *m.* para o masculino e *f.* para o feminino. Desse modo, o dicionário instrui o leitor a entender que aquela palavra pode ser usada naquele sentido, tanto para designar a figura masculina, quanto a feminina.

Outro fato que pode ser observado é o emprego da palavra ‘pessoa’, ligada à ideia dos dois gêneros. Ou seja, em alguns casos, logo depois de usar a palavra no gênero masculino, entre parênteses, emprega-se a palavra ‘pessoa’ como uma tentativa de não marcar diretamente o gênero, englobando, assim, tanto o ser masculino como o feminino. Isso ocorre especificamente nas acepções cinco e seis. Já na sete, percebemos que a palavra não está entre parênteses e é usada para definir um novo uso. Ainda assim, mesmo que se tenha certos cuidados no uso de um conteúdo mais inclusivo, preocupação que não encontramos no dicionário brasileiro, notamos que todo o conteúdo presente nas acepções centra-se em palavras no gênero masculino, sem nenhuma flexão de gênero, apesar de haver a simbologia, como já mencionada anteriormente, do gênero na frente da palavra. Salvo nos casos em que foi utilizada a palavra ‘pessoa’, todas as outras são empregadas no masculino, tais como ‘defensor’, ‘protetor’, ‘dono’, ‘senhor’, dentre outras. Dessa maneira, notamos o uso do masculino como predominante, revelando, assim, "uma visão de mundo consoante à clássica concepção do sexo feminino como uma ente menor" (KRIEGER, 1995, p. 222).

Nos países hispano-falantes, a discussão em torno das definições de cunho sexista nos dicionários e na língua em geral é mais antiga que no Brasil. María Martín considera que

Na 23ª edição e nas revisões subsequentes do DEL [*Diccionario de la Lengua Española*] online, foram eliminadas mais do que nunca em sua história discriminações sexistas e machistas. Isso significa que, embora muitas vezes sejamos criticadas e negadas, muitas de nossas propostas são finalmente reconhecidas (MARTÍN, 2019, p. 39, tradução minha¹³).

Assim, podemos considerar que esse dicionário está mais atento em adequar as suas definições aos progressos obtidos pela sociedade contemporânea. Vemos que, diferentemente do dicionário brasileiro, nas acepções dos verbetes analisados, há um conteúdo menos sexista em seu texto. É claro que algumas questões ainda podem ser melhoradas, como a

¹³ Do espanhol: "En la 23ª edición y las posteriores revisiones del DEL en línea se han eliminado más discriminaciones sexistas y machistas que nunca en su historia. Esto quiere decir que, aunque muchas veces seamos criticadas y ninguneadas, muchas de nuestras propuestas se reconocen finalmente".

predominância do uso do gênero masculino, assunto este que já é bastante debatido na comunidade científica de língua espanhola. Assim, como destacamos, no dicionário como um todo, em seu conjunto, podemos concluir que "as definições do dicionário têm cada vez menos, mas ainda muitas definições sexistas que não correspondem ao uso comum do espanhol" (MARTÍN, 2019, p. 72, tradução minha¹⁴).

Com isto exposto, é necessário construir uma linguagem mais ampla e inclusiva. Já sabemos que há outras formas de falar, pensar e escrever termos relacionados às mulheres. Então, refletimos sobre os usos e os empregos das palavras ou expressões que se referem às relações de gênero na vida cotidiana. Não podemos apenas reproduzir os preconceitos nem reafirmar a predominância das estruturas de poder sem qualquer pensamento crítico. Segundo Martín, "a linguagem é machista porque a sociedade o é. Não podemos mudar a língua através de petições nem decretos. E sim, deveríamos refletir sobre como nosso machismo se desloca em nossa maneira de ver e contar o mundo." (MARTÍN, 2019, p. 82, tradução minha¹⁵).

As palavras, as expressões, a linguagem como um todo, influenciam nossa visão de mundo. Assim como a sociedade institui seus próprios sistemas de valores, os dicionários também constroem os seus ideais. E, ao contrário do que pensa o senso comum, eles não são neutros, não registram apenas os usos de uma língua; são, antes, espaços de legitimação ou questionamento dos usos dominantes. Como foi possível notar nessa breve análise, as definições estão carregadas de ideologias e de escolhas individuais e coletivas. Desse modo, a equidade na linguagem só acontecerá a partir do rompimento da dominação e da universalização da figura masculina na língua e no meio social.

Considerações finais

A ideia de subordinação do gênero feminino em relação ao masculino atravessa diferentes esferas sociais. Esse fenômeno é perceptível também na linguagem, o que se reflete nos dicionários analisados neste trabalho. Visto que depois da Revolução Industrial a exclusão das mulheres no mercado de trabalho tornou-se evidente, dado que houve uma separação entre o espaço de trabalho e a casa (BOURDIEU, 2019), algumas tarefas sociais passaram a ser designadas exclusivamente como femininas. Consequentemente, esse fato

¹⁴ Do espanhol: "*las definiciones del diccionario tienen, cada vez menos, pero aún demasiadas definiciones sexistas que no corresponden al uso común del español*".

¹⁵ Do espanhol: "*La lengua es machista porque la sociedad lo es. No podemos cambiar la lengua a golpe de peticiones ni de decretos. Sí deberíamos reflexionar acerca de cómo nuestro machismo se desliza en nuestra forma de ver y contar el mundo*".

favoreceu a construção da hegemonia masculina em posições de poder, sobretudo, nas situações de poder econômico e político.

Desse modo, as relações de trabalho são construídas historicamente a partir de certos parâmetros de dominação, por meio dos quais o gênero masculino se sobrepõe ao feminino. Esse é um dos fatores que contribuem para que o verbete ‘patrão’ seja considerado nos dicionários como uma pessoa do gênero masculino que gerencia e comanda uma equipe em relação aos empregados, isto é, a personalidade detentora do poder naquele espaço. Enquanto a correspondente no feminino, ‘patroa’, não recebe esse mesmo cuidado. Dessa forma, o verbete ‘patroa’ é discriminado com relação às acepções atribuídas ao masculino da mesma palavra, corroborando para a visão predominante do corpo feminino como chefe do lar, esposa e mãe. Portanto, ao comparar os dois verbetes no Dicionário Aurélio da língua portuguesa (2010), constatamos que a diferença entre os gêneros (masculino/feminino), até o momento, é bastante significativa. No Dicionario de la lengua española (2014), há um cuidado maior com as acepções dispostas sobre essa questão. Sua estrutura é bastante diferente da encontrada no dicionário brasileiro, além de conter definições idênticas tanto para o verbete no masculino quanto para o feminino. Porém, não encontramos flexão de gênero nesse caso, revalidando assim, uma visão de mundo que corrobora para a exclusão do gênero feminino dos espaços de poder.

Depois de muitos anos de exclusão desses espaços, compreendidos como exclusivamente masculinos, uma grande parcela das mulheres não aceita mais ser invisibilizada, seja na linguagem, seja em qualquer outro espaço social. Está na hora de "construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica" (RIBEIRO, 2019, p. 43). Nesse sentido, existe no debate público, acadêmico e político, a discussão acerca de uma linguagem mais inclusiva, na qual todas as pessoas se sintam representadas e integradas. Acreditamos que através da linguagem podemos desenvolver uma certa visão de mundo mais justa e igualitária. Por meio dela, conseguimos colocar em discussão as diversas problemáticas, parâmetros e possibilidades que constroem uma comunidade linguística e social. Portanto, a equidade de gênero não poderá ser conquistada apenas por progressos sociais, é necessário também que essa conscientização alcance o modo como usamos a nossa língua. As definições acerca do que é ser mulher e os papéis que elas assumem na sociedade foram definidos por homens em muitos fóruns. Porém, as configurações de família mudaram, as relações de poder também; sobretudo, quando estamos falando do gênero feminino.

Devemos, assim, construir uma linguagem que desassocie a imagem da mulher como ser dependente do homem, pois a perpetuação desses conceitos, em grande medida, já não condiz com a realidade.

Referências

- ANDRADE, Giselly Oliveira de; CARVALHO, Gislene Lima; ZAMBRANO, Romana Castro. A representação do gênero em dicionários monolíngues dos idiomas alemão, espanhol e português: uma análise crítica feminista de verbetes referentes às profissões. **Calidoscópico**, v. 15, n. 3, p. 433-442, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 28, n. 1, 1984.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionários do português: da tradição à contemporaneidade. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 47, n.1, p. 53-69, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina. A condição feminina e a violência simbólica**. Tradução de Maria Helena Kühner. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- CALERO, María Luisa. Del silencio al lenguaje (Perspectivas desde la otra orilla). In: ESPANHA. Ministerio de Trabajo y Assuntos Sociales. Instituto de la Mujer. **En femenino y en masculino**, 1999, p. 6-11.
- DLE, Real Academia Española. **Diccionario de la lengua española**. 23.ed. Madrid: Espasa-Calpe, 2014. Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acesso em: 28 de outubro de 2020.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- HAENSCH, Günter. **Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1997.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatística de gênero indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, v.1, n.38, p. 1-13. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2020.
- KRIEGER, Maria da Graça. Da prática significativa lexicográfica. **Organon**. v. 9, n. 23, p. 211-221, 1995.
- KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. **Revista Língua e Literatura**, v. 6 e 7, p. 101-112, 2005.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: A.N. ISQUIERO; L.A. BAROS (orgs.). **As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, p.135-152, 2010.

MARTÍN, María. **Ni por favor ni por favora. Cómo hablar con lenguaje inclusivo sin que se note (demasiado)**. Madrid: Catarata, 2019.

MEDIAVILLA, Mercedes. Aproximación a un “Recorrido por el Diccionario de la Real Academia Española: representación de mujeres y hombres”. In: ESPANHA. Ministerio de Trabajo y Assuntos Sociales. Instituto de la Mujer. **En femenino y en masculino**, 1999, p. 30-41.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.